



Fernanda Marinho\*

## Um segundo olhar ou a terceira margem do rio\*\*

“Super” visão, super-herói, superego: seria superior, uma visão de cima? Seria um superpoder? Teria uma função superegoica? Também chamada controle. Nomes esquisitos para uma função afeita a uma prática esquisita: uma conversa entre dois, em que um se deita de costas para o outro, que se senta atrás; e, em geral, ainda lhe tem atribuído um maior grau de sanidade do que aquele que se levanta, fala de frente para o interlocutor, face a face, olho no olho. Também esquisitos, ou selvagens, podem ser os pensamentos abrigados pelas mentes envolvidas na análise e na supervisão; e quão mais capazes sejam essas mentes de abrigá-los, mais eficazes em estimular o seu desenvolvimento.

A analista, ao entrar em minha sala e me cumprimentar, afasta o rosto, evitando o contato próximo usual e logo me avisando que está muito gripada. Continua comentando que, se soubesse quão mal se sentiria, teria desmarcado os compromissos e, portanto, também a hora da supervisão.

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

\*\* Guimarães Rosa (1988).

A primeira comunicação do paciente é sobre a gripe que o deixa “arrasado” e que teria motivado a falta na sessão anterior. A sessão se desenrola, e a nossa conversa, também, por outras veredas. Em determinado momento, sinto que estou ficando rouca e com as vias respiratórias obstruídas; os olhos lacrimejantes, coriza; estava, verdadeira e repentinamente, “gripada”. Peço licença e levanto-me para desligar a refrigeração, deixando ligada somente a ventilação do bendito aparelho que nos dá algum conforto no calor úmido e exorbitante de nossa cidade. Seguimos a conversa. Ao final, dou a minha impressão geral sobre a sessão –é algo que faço com alguma frequência: dar um nome, ou um título, ou, poderíamos chamar, um fato selecionado–, àquela experiência emocional de descoberta de coerência diante de um todo disperso ou fragmentado; a partir daí, podemos tomá-lo como uma hipótese definidora<sup>1</sup> (Bion, 1997): o nome que reúne elementos observados em conjunção constante, evidenciando ser portador de significância e, portanto, com possibilidade de vir a adquirir significado no desenvolvimento da atividade em questão. A impressão que transmito à analista é *depressão*.

Voltamos à gripe, às vias respiratórias obstruídas por secreção: onde o meio gasoso ganhara lugar, restabelece o meio líquido como a restituir o objeto perdido; estávamos diante de remanescentes vestigiais, vivências muito remotas, que permanecem ativas no presente. Tão ativas e com tal intensidade que, na busca de um continente, teve um poder de penetração que perpassou três superfícies de contenção: o próprio paciente, a analista e a supervisora. A comunicação se manteve na esfera somática, sem transformação passível de ganhar o universo psíquico. É importante dizer que a analista, já em sessões anteriores, vinha aflita para encontrar a oportunidade de comunicar as próximas férias, o que acabou por fazer, com enorme custo emocional, ao final dessa sessão.

Uma das funções da supervisão seria, justamente, alargar a superfície de continência dos aspectos inconscientes que permeiam a

comunicação entre paciente e analista, propiciando maior oportunidade de transformação de elementos que se mantêm afastados desse universo psíquico, em elementos oníricos, dotados de qualidade psíquica, passíveis de serem sonhados.

Quando falo de elementos passíveis de serem sonhados, introduzo mais um fator da função supervisão; falo em função, segundo a teoria das funções de Bion (1962/1984), ou seja, uma função da personalidade. São, no mínimo, três personalidades aí implicadas. Sonho, devaneio, associação livre são termos da mesma família, todos inerentes ao processo do pensar; pensar as experiências emocionais que, na falha dessas atividades, levam ao ato ou ao soma de qualquer um dos partícipes. Os “super visores” não estão imunes a essas falhas, ao contrário –e este é mais um paradoxo constitutivo da psicanálise–, são permeáveis e, só por isso, capazes de dar sentido ao que caracteriza o cotidiano da prática analítica, a dinâmica de oscilação constante entre o mundo de representação, seja imagética ou verbal, e as experiências carregadas de sensorio, que escapam ao mundo psíquico.

Pensemos sobre o conhecimento teórico, a articulação teórico-clínica, sempre um desafio para o analista em formação: é importante que, quando diante de seu paciente, ele seja capaz de esquecer os ensinamentos colhidos em obras, conferências e, especialmente, supervisões, para esvaziar sua mente de preconceitos e dar margem a que se infiltrem pelos espaços desocupados os estímulos ao brincar com a imaginação, com os caracteres imaginativos evocados pela experiência emocional presente; só assim ela terá chance de evoluir e ganhar sentido em uma construção narrativa informada, com espontaneidade, pelo viés teórico. Mas, para isso, há que enfrentar e destituir de seu lugar de autoridade o “super” visor, herói, ego. Lembro-me de um episódio narrado por Manoel Thomaz Moreira Lyra –Dr. Lyra–, psicanalista brasileiro, que fez sua formação na Sociedade Britânica, tendo como analista pessoal Paula Heimann e, supervisora, Melanie Klein.

1. Termo utilizado por Bion, como categoria da *grade* –instrumento por ele criado para avaliação da experiência psicanalítica–, para definir um dos possíveis usos a que estariam destinados os enunciados na comunicação analítica.

Em uma das sessões de supervisão, viu-se em palpos de aranha ao perceber que havia esquecido seu caderno de anotações; timidamente expôs a situação a Klein, que o estimulou a falar livremente o que recordasse das sessões realizadas. Lyra assim o fez e ficou absolutamente entusiasmado com a forma como se sentira ajudado, como nunca antes, em seu trabalho com o paciente. Qual não foi a surpresa quando, ao ler as anotações esquecidas, deparou-se com material completamente distinto de suas lembranças relatadas à supervisora; parece que algo muito mais genuíno e fértil surgiu, a partir da liberdade de pensamento.

Liberdade de pensar, liberdade de ser; em análise, buscamos apresentar o paciente a ele mesmo, cada vez mais, ampliando a sua capacidade de abrigar os múltiplos aspectos de sua personalidade, lhes sejam agradáveis ou não; em supervisão, precisamos apresentar o supervisionando ao analista que ele pode ser, cada vez mais, apropriando-se de um estilo seu, original, autônomo; uma mente que possa entreter os pensamentos selvagens que sejam fisgados em sua rede sensível, não os aprisionando em uma cadeia rígida –composta por teorias, refrões e cacoetes absorvidos do “super” visor ou “super” analista– ditada por uma imposição de sanidade, ante a ameaça da loucura que nos habita e ronda continuamente. E, ainda, é preciso que ele venha a se tornar cada vez mais ciente de suas condições mínimas para analisar; condições essas que lhe são absolutamente próprias e que precisa ousar conhecer e respeitar; e, a cada momento, decidir se quer tomar em análise esse paciente que se apresenta; é uma decisão, livre e responsável, que rege qualquer associação entre dois: matrimonial, psicanalítica, de supervisão.

## Referências

- Bion, W. R. (1984). *Learning from experience*. Londres: Karnac Books. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W. R. (1997). *Taming wild thoughts*. Londres: Karnac Books.
- Rosa, J. G. (1988) A terceira margem do rio. In *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.